



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**ANDRÉIA DOS SANTOS  
(MAYCON)**

**(depoimento)**

**2014**

## FICHA TÉCNICA

### ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

**Número da entrevista:** E-435

**Entrevistada:** Andréia dos Santos (Maycon)

**Entrevistadoras:** Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

**Data da entrevista:** maio 2014

**Transcrição:** Isabela Lisboa Berté e Pamela Joras

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 26 minutos e 40 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

#### **Observações:**

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada

## **Sumário**

Aproximação com o futebol; Carreira na Seleção Brasileira; Situação do futebol feminino no Brasil; Projeto de futebol feminino da Marinha do Brasil; Preconceito; Apoio da família; A influência de Marta e sua geração para o futebol brasileiro; Feminilidade; Significado da palavra guerreira; Mensagem para meninas que sonham em se tornar jogadoras de futebol.

Maycon – Meu nome é Andréia. Me chamam de Maycon, apelido besta, mas sou de Santa Catarina, da Serra, sou de Lages. Jogo futebol desde que eu me conheço por gente, desde pequena, com os meus irmãos. Tenho bastante irmãos, sou de uma família grande de nove irmãos, meus pais tiveram nove filhos. Graças à Deus dei a sorte de ser a caçula. Meus irmãos que são mais encostados na minha idade, eu cresci junto com eles, mais com os meninos: eles jogavam bola e aí que eu fui aprendendo a jogar bola. Tenho um irmão que bate bem bola, joga bem pra caramba, e aí eu comecei a acabar com a estampa dos dedos jogando na rua, no asfalto. É onde tudo começa, onde saem os maiores e melhores jogadores de futebol. Hoje em dia, vai ver, as jogadoras já estouraram o dedo jogando no asfalto, nos campos de terra, nas peladas, nas favelas, e eu não sou diferente, comecei assim também. Desde 1997 comecei a ir para a Seleção, fiquei na Seleção até o ano passado. Ano passado aí não fui mais para a Seleção. Graças à Deus continuo na Seleção da Marinha, das Forças Armadas, então, quero ver se jogo mais esse ano e curtir a aposentadoria. Porque futebol feminino está em carência, no Brasil, cada vez mais a gente está tentando conquistar, conquistando duas medalhas de prata, e nada mudou, só piorou aqui no Brasil. A gente não entende o porquê que eles não gostam tanto da mulher jogando bola, jogando futebol. Acho que as empresas... Eu sei que retorno no começo não vai ter, mas acho que mais para a frente, o estádio irá lotar, porque as pessoas gostam do futebol feminino. Não há apoio, poucas televisões... Somos bem pouco procuradas para fazer entrevistas, aparecer em mídia, então, nossa situação aqui no Brasil está cada vez mais precária. Graças à Deus, encontramos a Marinha, com esse projeto maravilhoso das Forças Armadas, que está nos mantendo aqui no Rio<sup>1</sup>. Hoje a melhor equipe aqui do Rio de Janeiro é a equipe da Marinha, que faz parceria com algum clube, como ela fez parceria com Vasco<sup>2</sup>, para a gente disputar [campeonatos]. Como a instituição não pode disputar campeonatos, o Vasco é clube e a gente tem uma janela para disputar campeonatos. E fora o nosso Mundial<sup>3</sup>, ano que vem tem o Mundial, será na China, na Coréia, desculpe, e estamos nos preparando. Vamos continuar treinando, nem que seja o meu último mundial, mas eu quero conquistar mais uma medalha de ouro.

Caitlin – Então, você falou um pouco sobre a situação do futebol feminino hoje em dia, então você acha que o preconceito ainda existe, mas está mudando?

---

<sup>1</sup> Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Clube de Regatas Vasco da Gama.

Maycon - Olha, na cabeça dos torcedores até bem menos. Hoje em dia a torcida nos aceita, o povo nos aceita, mas as empresas, os clubes grandes não, não aceitam o futebol feminino. Acho que pela nossa renda que é, seria bem pequena, teriam um gasto bem menor do que o masculino. Equipes de camisa grande... Já digo por que hoje em dia quem banca um time no interior de São Paulo é a prefeitura. Acho que se os clubes fossem bancar o futebol feminino eles conseguiriam até mesmo um pouco mais de visibilidade, mas o futebol feminino está ficando esquecido. O governo lembra de um Bolsa-Atleta, tentando fazer um campeonato a mais, exigindo que a CBF<sup>4</sup> faça um campeonato, mas campeonato de um mês, dois meses, é pouco para uma equipe grande como é a Seleção Brasileira. País do futebol masculino, masculino porque o feminino está ficando cada vez mais esquecido.

Caitlin – Você falou que até o povo gosta. Quando as pessoas assistem o futebol feminino e gostam, então não há tanta barreira?

Maycon - Não, não. Hoje em dia essa barreira do pessoal ir assistir... Até tem bastante, temos bastante torcida. Quando houve o Pan-americano<sup>5</sup> aqui, em 2007, levamos bastante torcedores, e foi no Maracanã, trinta e poucas mil pessoas. Nós nos surpreendemos da quantidade de pessoas para assistir o futebol feminino. Pensamos: “Agora vai alavancar, agora o futebol feminino vai crescer!”. Pô, já estou parando de jogar futebol, novas jogadoras estão surgindo e está na mesma! Na mesma não, está pior, porque hoje em dia nossa Seleção, por falta de campeonatos aqui no Brasil, a nossa Seleção está decaindo. Fomos para as Olimpíadas<sup>6</sup> e não passamos das oitavas, ficamos para trás. Reflete na Seleção Brasileira porque a jogadora não está conseguindo se preparar nos clubes, porque não existem tantos clubes, e quando chega na Seleção tem que começar tudo do zero. Aí não tem tempo para isso, já está em cima do campeonato e a gente está falhando lá.

Caitlin - O que você acha que precisa mudar? Parece que nem um título grande como o Pan no Maracanã vale a pena para mudar a coisa. Aí todo mundo pensa: “Agora vai para cima”. O que você acha que precisa para mudar isso?

---

<sup>3</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino.

<sup>4</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>5</sup> Copa Pan-Americana de Futebol Feminino.

<sup>6</sup> Jogos Olímpicos de Londres.

Maycon - Acho que primeiro, a pessoa que entrar para trabalhar com o futebol feminino tem que trabalhar com amor, tem que gostar, porque entrar para trabalhar com o futebol feminino, com as mulheres, só por estar lá, só pra tirar algum dinheiro aqui, desviar alguma coisa que era para chegar até nós, é isso que atrapalha. Muitas vezes tem empresas, comércio, que ajuda ou quer ajudar e a pessoa que está ali na frente quer mais. Não sabe sobreviver com um pouco aqui, um pouco ali, um pouco aqui e aí acaba que a gente fica para trás. Eu acho que as pessoas que estão tomando a frente do futebol feminino têm que ter uma outra mentalidade, até mesmo as próprias jogadoras. Eu acho que as jogadoras em si tem que ter uma mentalidade diferente, que às vezes... Isso a gente não vê tanto, mas muitas vezes acontece, é raro, mas acontece: a briga. O futebol feminino já é horrível, cada vez mais caindo, aí quando acontece uma briga, uma jogadora por indisciplina, o treinador manda ela sair e ela não quer, e que imagem que fica? É porque é futebol feminino, se fosse contra homens não aconteceria isso. Então, com homens o que acontece: os caras acham que é mais fácil de lidar porque, o que acontece, eles entram na porrada e está resolvido. Com a mulher não, fica aquele negócio ali e se tu não chegar e conversar vai ficar, vai ficar e sabe... Tem que ser pessoas que saibam trabalhar com a mulher e o futebol feminino, não é entrar lá por entrar. A mentalidade de quem estiver à frente tem que ser diferente do masculino, porque nós somos diferentes.

Caitlin – Você falou que começou a jogar na rua com seus irmãos. Seus pais sempre apoiaram você?

Maycon - Não, era difícil. Meus pais, meu pai já me apoiou um pouco mais, mas minha mãe: “Não, menina tem que brincar com menina”. Esse preconceito, que na época tinha esse preconceito e eu fui indo, aí quando eu vim para São Paulo fazer um teste, foi até na Portuguesa<sup>7</sup> em 1997, começo do ano. Vim fazer um teste, daí minha mãe: “Tá, já que você quer isso, vai”. Aí deu certo e eles viram que não tinha jeito porque eles me mandavam fazer uma coisa e eu fazia outra. Apanhava igual uma mala velha! Era uma doença, futebol é uma doença, não adianta. Então eles viram: “Não tem jeito. Não dá para bater de frente com ela que vou perder”. Então eles resolveram me apoiar, onde foi que deu certo, viajei para São Paulo e deu certo. Tive muitas conquistas.

Nadja – Quando eles ficaram sabendo da sua primeira convocação, como foi a reação?

Maycon - Eles nem acreditavam! Pô, na época eu não tinha nem telefone em casa, então eu ligava para o vizinho e: “Fala aí que eu vou para a Seleção!”. Estava começando ainda, depois as coisas foram melhorando e tal... Começaram a ver na televisão e aí que eles começaram a acreditar. Eu não era mole, então eles: “Está de brincadeira!”. E eu: “Não mãe, é verdade!”. Aí eles começaram a assistir na televisão e: “É verdade! Não é que ela conseguiu mesmo!”. Foi bem legal, bem bacana, eles me apoiaram e são meu solo, meu centro de tudo é minha família.

Caitlin - Até hoje?

Maycon - Até hoje. Até hoje eles são meu ar.

Caitlin - Fala um pouquinho mais sobre o preconceito que sua mãe tinha no começo, tipo que ela falou: “Lavar louça”?

Maycon - Isso não é coisa para menina, isso é menino que faz. Menina tem que ficar com a mãe, acompanhar a mãe, ajudar a mãe, fazer as obrigações da casa com a mãe. “Não é não mãe! Mas isso não é que eu gosto, eu gosto de jogar bola!”. Aí na rua, ficava uma zoação: “Só uma menina jogando com os meninos!”. “Pô minha filha, é só você e um monte de meninos!”. “Mãe, mas eles me respeitam, meus irmãos estão juntos”. Os vizinhos falavam: “Vai deixar sua filha brincar com os meninos?” E eu: “Está bom mãe, eu não vou”. Aí minha mãe saía por uma porta e eu saía pela outra. Ela saía pela porta e eu pulava a janela. Então não conseguiram me segurar e ela foi ver: “Não tem jeito, ou ela vai bater a cabeça e vai voltar para casa ou vai dar tudo certo”. Deu tudo certo, graças à Deus. Ao menos faço o que eu gosto. Esse é o meu sonho e ela não destruiu meu sonho. Apesar de ter preconceito, maior pressão em cima da minha família de: “Só ela brincando com os meninos”. Aquele preconceito superei, nós superamos juntas. Deu tudo certo.

Caitlin - Você falou que mudou um pouco, mas você acha que as meninas, ainda hoje, os pais falam assim?

---

<sup>7</sup> Associação Portuguesa de Desportos.

Maycon - Hoje em dia poucos pais falam, não vou falar que não falam, mas poucos. Hoje em dia os pais aconselham porque ficou uma imagem legal do Pan-Americano aqui. E tem a Marta<sup>8</sup>, nossa! Quantas vezes a melhor do mundo! Então tem um exemplo. Só que a Marta já não ganhou, não conseguiu ganhar porque não é só ela sendo campeã no clube dela, mas quando ela for para a seleção, tem que ter um retorno. Não foi campeão [o time], mas todo mundo viu o esforço que foi e perdeu por uns mínimos detalhes. Então viram o esforço e ela foi bem. Ela foi campeã no clube dela e na Seleção é como se fosse campeã, pois elas lutaram do começo ao fim. Ela conseguiu ser mais uma vez e agora? Com a Seleção, ela não conseguiu render na Seleção, não rendeu, ela está decaindo. E com certeza, as próximas, se continuar assim a Seleção, não chegando em uma final, em pódio, alguma coisa, a tendência é cair. Porque a gente esperava que a Marta... Vai se destacar nova jogadora e vai obter o outro lugar ali, porque uma substitui a outra, ninguém é insubstituível. Então vai ter outra jogadora que vai se destacar, vai estar ali perto da Marta, a Marta não vai ser a melhor do mundo, mas a outra brasileira já vai encaixar ali, entendeu? E não está conseguindo acontecer isso, e a gente não sabe no que vai se transformar o futebol feminino. Passando as Olimpíadas daqui do Brasil, a gente não sabe, porque ainda está tendo força porque vai ter Olimpíadas no Brasil e depois?

Caitlin - Fale um pouco sobre a imagem, se você acha que a imagem do futebol feminino está mudando ou já mudou com a Marta e se isso ajuda.

Maycon - Isso ajuda bastante, ter a Marta, Cristiane<sup>9</sup>... O pessoal lembra mais da antiga, do Pan-Americano no Brasil, era quem estava jogando aqui no Brasil que o pessoal [falando]: “Eu vi você jogando!”. Jogou o Pan e logo depois foi o Mundial no mesmo ano, um mês depois foi para o Mundial. Todo mundo foi para a frente da televisão: “As meninas vão jogar! Elas jogam para caramba!”. Foi quando nós começamos a dar um retorno até mesmo para as emissoras, está entendendo? “Está dando Ibope! Está dando legal o futebol feminino. Vamos mostrar mais”. Aí a outra emissora: “Vou passar também! Está dando Ibope e tal”. No ano seguinte fomos para as Olimpíadas, conseguimos mais uma prata e por detalhes também não ganhamos, que o mundial por detalhes não ganhamos. E aí

---

<sup>8</sup> Marta Vieira da Silva.

<sup>9</sup> Cristiane Rozeira de Souza Silva.



começou: “Não, eu conheço você, você jogou na lateral, você jogou aqui. Pô Maycon! Você isso e aquilo”. Nós somos mais conhecidas pelo Pan-Americano no Rio, que foi quando todo mundo começou a assistir televisão e aí começou a engrenar: “Ah vai ter jogo de futebol... Vou ver porque as meninas jogam bem”. Aí teve uma outra imagem da gente, está entendendo? Você vai assistir um jogo no São José<sup>10</sup>, o São José em casa, é casa cheia. Com os times do interior é casa cheia, aqui no Rio a gente não vê isso.

Caitlin - O que você acha disso, da imagem da feminilidade em termos de futebol feminino? O presidente da FIFA falou que é melhor se elas forem com os *shorts* mais curtinhos, que isso ajuda com *marketing*. O que você acha disso?

Maycon - Eu acho que isso é certo, as mulheres têm que vestir a roupa adequada para a mulher. Só que o clube faz o que: eu vou fazer um uniforme para os homens, para masculino, porque que eu vou detalhar para o feminino? Vou ter que gastar mais. Eles veem isso. Daí o que acontece: eles pegam o mesmo tamanho do masculino e dão para o feminino. Olha o meu tamanho! Eu tenho 1 metro e 56, meu short é para baixo do joelho. Nós aqui na Marinha não, nós aqui na Marinha é com uma roupa mais regata, mais padronizada. Vocês puderam ver ali o *short* é devido ao tamanho, você pede o tamanho, mas não é uma coisa “estronda” que você olha assim e fala: “Não, é masculino”. Dá para você saber que é de menina, porque a roupa é mais colada e menina é definida em cima. Mas outros clubes não, o clube onde tem o masculino e o feminino é padrão. O feminino usa até o mesmo: “Lava a roupa do masculino que o feminino vai usar”. O feminino não tem material para si. Muitos clubes o que usam: “O masculino vai jogar essa semana, mas quarta-feira está limpo para o feminino jogar”. Então você já viu como é que é, os homens todos fortes, altos, imagine as mulheres mais miúdas... Como não fica o uniforme? Então, isso tem uma outra imagem para quem está assistindo, é totalmente diferente, mas se estivesse padronizado: “Oh! Que maneiro as meninas lá, oh!”. É igual você ir para a academia, os caras vão como: eles pegam, colocam a roupa deles, até uma *babylook* para ficar mais forte, o *short* não são apertados, são até mais largos. As mulheres não, as mulheres colocam uma blusa até mais larga para não ficar muito marcante, algumas mulheres colocam uma “legging”, uma calça mais feminina, um tênis. O futebol deveria ser assim.

---

<sup>10</sup> São José Esporte Clube.

Caitlin - O que você acha sobre o Campeonato Paulista<sup>11</sup> 2001 e 1997, algo assim, que os técnicos e diretores mandaram as meninas com cabelos curtos ir ao salão, ao cabeleireiro, e ter de deixar o cabelo crescer, maquiagem para jogar? O que você acha disso, a imagem feminina para vender o jogo?

Maycon - Eu acho que é muito válido. Se a pessoa gosta de se maquiar, coloca! Será até bem melhor vista na televisão, nas imagens, vai ter uma outra imagem. Acho que isso é para quem gosta, não precisa ser: “Ah, você tem que usar”. Se você não se sente bem com isso, não, mas quem gosta tem que usar mesmo. Não é porque ela está toda pintada, toda boa pinta que: “Ah, essa ali não está jogando”. Porque aí começa o preconceito, mesmo de quem está ali de frente: “Não jogou porque ficou na frente do espelho se maquiando”. Muitas pessoas que estão à frente do futebol feminino não conseguem ver, ela está se maquiando, porque ela gosta e vai dar uma outra imagem. Quem está assistindo vai falar: “Olha, a mulher está diferenciada”. Por quê? Porque ela está se cuidando, não é porque ela está jogando futebol que tem que estar largada. Mas as pessoas que estão à frente já vem um preconceito, tipo, vem um dirigente já vem um preconceito, por quê? Porque: “Oh, ela jogou mal. Você não viu que ela estava na frente do espelho se maquiando ao invés de ficar pensando no jogo?” A gente sabe o que fazer, mas eu tenho o meu momento... Mulher tem que ter no mínimo um espelho no banheiro. Não pode faltar um espelho porque o último retoque tem que ser na frente do espelho. Está entendendo? Ah, você vai passar um creme no cabelo, eu encho meu cabelo de creme, tem que ter um espelho para me ver, se um fio está certo ou não está. O pessoal gosta de fazer maquiagem? Tem que ir na frente do espelho, entendeu? E muitas pessoas olham, o treinador olha e: “Gente, deixem do espelho, vamos nos concentrar aqui”. Calma, a gente sabe o que fazer, mas temos a nossa imagem, temos que fazer a imagem para podermos entrar em campo. Está entendendo? E as pessoas que estão à frente do [futebol] não entendem isso. Esse tipo de preconceito existe não para quem está assistindo, mas para quem está de frente para o futebol.

Caitlin - Dentro dos times?

---

<sup>11</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

Maycon - Dentro da equipe mesmo, tem muitas jogadoras: “Ah, ao invés de você prestar atenção, ficar concentrada...” Nosso time gosta de fazer um pagode, igual na Seleção, a gente gosta de fazer um pagode no vestiário. Ficamos fazendo pagode e o treinador fala: “Cinco minutos para mim”. Acaba tudo e você entra, ouve o que ele tem para fazer, para falar: “Ah, vamos fazer um pagode antes da gente entrar em campo!”. Você já entra com a adrenalina à mil. Você sabe o que fazer, mas a gente faz o pagode para entrarmos mais motivadas, não ficar aquela coisa monótona. A gente gosta. Até paramos um pouco de fazer, mas a gente gosta de fazer um pagode, um barulho. É igual na Seleção. Na Seleção as meninas gostam de fazer um pagode. Quando entram, entram a mil, querendo morder ali, superconcentrada, com a adrenalina lá em cima. A hora que a bola vir você já está “triscando”. É legal, a gente gosta. O masculino também gosta de fazer isso, está entendendo? Não é tirar tua concentração, é você não ficar ali pensando, nervosa. Você sabe o que fazer, você treinou a semana inteira. Não é possível! O treino é o espelho do jogo, então o que você treinou você vai jogar ali e acabou.

Caitlin - A ginga, é uma dança, como você descreve isso no futebol?

Maycon - Aqui, o Brasil é o país da festa, não é? Porque onde você vai é festa. Você não precisa nem ter ginga, mas você ter um pouco da alegria do brasileiro para jogar, é só deixar fluir que vai embora. Você não precisa dançar, mas você jogar com a alegria que o brasileiro tem já faz uma diferença enorme.

Caitlin - Essa palavra “guerreira”, que sempre falaram dentro do futebol feminino, para você, o que significa ser guerreira no futebol?

Maycon - Guerreira, para nós do futebol feminino, todo dia para nós é uma guerra. Aqui, hoje em dia, na Marinha não, porque é mais tranquilo, a gente tem vários recursos, tem tudo aqui. Mas eu já digo: o clube fora daqui, os times fora daqui de dentro da Marinha, o que acontece? Você tem que correr atrás para ter água, você tem que correr atrás para eles, no mínimo, te darem o dinheiro para a passagem para você poder ir para o próximo treino. Você tem que correr atrás para eles te arrumarem um “meião”, ou se você não tem condições de comprar uma chuteira tem que correr atrás para eles te arrumarem ao menos uma chuteira decente para você poder trabalhar bem. Então, cada dia para nós, é uma luta.

Quando a gente chega lá na frente, na hora do jogo, olha o que nós fizemos lá atrás! Porque, às vezes, a gente tem que virar e olhar um pouquinho para trás para a gente ver: “Não, merecemos estar aqui”. Nós somos guerreiras, porque nós superamos muitos obstáculos para estar aqui. Por isso, que aqui no Brasil, a gente fala: “É time de guerreiro”. Porque cada dia a gente tem que lutar para ter algo a mais, que é uma passagem, é um copo d’água, é um algo a mais. Aqui não vem de graça. Não é você chegar no campo e o cara entrega tua chuteira, não. Você tem que pegar a tua chuteira, você tem que comprar a sua chuteira, você tem que limpar a sua chuteira, você tem que fazer tudo. Você tem que levar uma garrafa d’água para os treinos, água para o treino. Aqui na Marinha não, aqui a gente tem tudo, mas com os de fora você tem que arrumar água, você tem que arrumar tudo, você não tem nada. Você foi guerreira, porque você superou todas as dificuldades e hoje você está aqui na frente porque você lutou.

Caitlin - Você acha que sua luta como jogadora no Brasil, ou jogadoras que já são “guerreiras”, que sua experiência pode ser uma coisa poderosa para outras mulheres ouvirem fora do futebol?

Maycon - Ah, com certeza. Eu acho que têm muitos sonhos ficando pelo caminho, por falar: “Ah, o futebol feminino está caindo”. Está caindo, isso é uma realidade, mas se é o teu sonho, você tem que correr atrás, você tem que lutar. Você tem que conciliar o teu estudo junto com o que você gosta de fazer. É jogar futebol? Então você tem que conciliar o teu estudo junto com o futebol. Você vai ter que se desdobrar a mil, você vai ter que ser guerreira, se superar para você poder estudar, jogar futebol ou fazer um outro esporte que você gosta, mas você tem que se esforçar para ir bem nos dois. Têm que andar sempre os dois juntos. Se um ficar para trás, alguma coisa está pegando. Então, você não está fazendo adequadamente como deveria, tem que lutar mais. Tem que lutar mais que daí lá na frente você vai ver: “Fui guerreira porque eu lutei. Eu fiz as duas coisas e cheguei nas duas coisas: eu estudei e fiz meu esporte favorito. Meu pai não precisou me tirar do esporte, porque eu consegui ter as melhores notas na escola”. É uma forma de você ver: “Ela foi guerreira porque ela conseguiu estudar, se formou e ainda continua lá em cima jogando futebol”.

Caitlin - E você, para terminar, você tem alguma mensagem, alguma coisa que você falaria para outras mulheres?

Maycon - Para nós mulheres, tudo é difícil, tudo é com dificuldade. Eu acho que se você tem um objetivo, você tem um sonho, não desista desse sonho por mais difícil que esteja. Não desista que você vai chegar lá, porque nós, mulheres, nós somos guerreiras e a gente nunca desiste. Como eu digo onde eu moro, lá pro Rio Grande do Sul: “Não tá morto quem peleia”. Então, lute sempre que você vai conseguir chegar lá. Tá bom?

Nadja - Muito legal!

Maycon - Valeu?

Nadja - Valeu!

Maycon - As besteiras que eu falei aí corta aí, viu!

Caitlin - Não, foi ótimo.

Maycon - Valeu meninas!

[FINAL DA ENTREVISTA]